

PEDRO MIGUEL LAMET, sj

AS PALAVRAS  
**VIVAS**

*Confidências de João,  
o discípulo predilecto*

**Título original**  
LAS PALABRAS VIVAS

**Autor**

Pedro Miguel Lamet  
© Paulinas España, 2013

**Tradução**

Maria do Rosário Castro Permas

**Imagem da capa**

Francesco Furini, *São João Evangelista* (séc. xvii)  
Musée des Beaux-Arts de Lyon  
© Lyon MBA – Photo Alain Basset

**Capa**

Miguel A. Rodrigues

**Execução Gráfica:**

Papelmunde

**2ª edição (1ª da Editorial AO)**

Junho de 2021

ISBN 978-972-39-0923-4

Depósito Legal n° ?????????

**Com todas as licenças necessárias**

©

**SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

*«A Palavra fez-se carne  
e habitou entre nós».*

(Jo 1,14)

*«Ninguém poderá captar o significado profundo  
do Evangelho de João, a não ser aquele que reclinou  
a cabeça no peito de Jesus».*

(Orígenes, In Ioh 1,4)



## ÍNDICE

AS PALAVRAS VIVAS	11
<i>Vasco Pinto de Magalhães, sj</i>	
1. A ILHA	13
2. O PRESENTIMENTO	19
3. O BARCO	25
4. A NOITE	33
5. A ÁGUA	43
6. A HORA	55
7. A MULHER	65
8. O TROVÃO	73
9. A MÃE	81
10. O PÃO	93
11. A LUZ	105
12. O MESSIAS	115
13. A VIDA	129
14. O AMOR	145
15. A PALAVRA	159
APÊNDICE. AO LEITOR	183



## AS PALAVRAS VIVAS

*Vasco Pinto de Magalhães, sj*

Sei, de fonte segura, que Pedro Miguel Lamet escreveu grande parte destes textos em Portugal, num tempo de descanso junto ao mar.

Este seu livro inicia-nos e convida-nos a entrar num grande e profundo rio de vida espiritual que vai desaguar em Deus, «mar» de imensa comunhão e paz. Essa espiritualidade é a vida interior de S. João evangelista, a sua relação com Jesus, o seu olhar de amor sobre as pessoas que, também ele, narrou e descreveu olhando o mar na ilha de Patmos.

Sto. Inácio de Loiola ao propor a prática espiritual da Contemplação da vida de Cristo, manda «entrar na cena», ver-se dentro do quadro, com a imaginação baptizada. Colocar-se presente na festa das bodas de Caná, por exemplo, ou ver-me e sentir-me como presente na acusação da mulher surpreendida em adultério. Depois de compor o quadro e se colocar nele, vê-lo «com a vista imaginativa»: primeiro «ver as pessoas», depois «ouvir o que falam», por fim «ver o que fazem» e de tudo «tirar proveito». Sto. Inácio chega a propor a «aplicação dos cinco sentidos»: ver as pessoas, ouvir o que falam ou podem falar, cheirar e gostar os locais, a presença da divindade, e tocar, abraçar...

Pedro Lamet põe-nos na pele de S. João e faz-nos saborear com ele as palavras, os gestos e a ternura que o apóstolo

experimentou, tocando e deixando-se tocar pelo coração de Cristo. O desafio é fazer minha a experiência do discípulo amado e com ele crescer nessa espiritualidade tão de intimidade como de largueza cósmica.

É claro que entrar no caminho da «vista imaginativa» supõe um profundo conhecimento bíblico, histórico e teológico, como aquele que o autor revela. Sem esse cuidado poder-se-ia cair em fantasias, mais que líricas, delirantes.

Sem medo, entremos na relação que este livro nos propõe. Em vez de «pensar sobre», deixemos que a relação aconteça e nos transforme. Faz-nos bem. Traz o ânimo e a consolação de que precisamos.

Obrigado, Pedro Lamet.

Porto, 30 de Abril de 2013

# 1

## A ILHA

Hoje voltei a pescar. Sentei-me na rocha virada a poente, enquanto a brisa me acariciava a barba e o mar cobrava tons de sangue entre as nuvens. Lancei a rede como há anos me ensinou Pedro, lá na Galileia, quando éramos todos muito unidos e desconhecíamos o tumulto interior que viria a transformar as nossas vidas:

– Hoje pescaremos com anzol, um a um, para que aprendas a falar com o peixe. Não, assim não, rapaz! Lança para longe e depois espera, espera sem medo e sem pressa. Como se não dependesse de ti, como se tu não fosses o pescador. Assim, vês? Deixa que o mar faça o resto.

Aqui, o mar, o Mediterrâneo, é muito diferente; domina-te. Em Tiberíades – nunca o esquecerei – a água era quase sempre mansa, como um espelho, amiga, e o mar de um tamanho humano, permitindo ver a outra margem. Conhecíamos cada palmo daquele grande lago, as suas pequenas enseadas e alcantilados, os seus cardumes de peixes, as lombas verdes e arredondadas como seios de mulher que dele se divisavam, os portos toscos que cheiravam a madeira molhada, as praias, quais leitos macios de beduínos, e o vento que silvava durante a noite por entre as oliveiras até pentear as distantes searas, por entre caminhos que sempre nos devolviam à nossa casa de adobe depois da faina.

Aqui em Patmos o mar está enfurecido, salta sobre as rochas, vindo molhar-me os pés, correndo inclusive o risco de me derrubar, como já o tentou mais do que uma vez. No meu desterro devido à minha fé e ao meu testemunho, esta pequena ilha é a minha cela, e também o meu templo, a minha casa e a minha atalaia, a partir da qual perco estes olhos cansados de ler pergaminhos ou de escrevê-los dia e noite. O cálamo é agora a minha consolação. Tenho escrito milhares de palavras sobre a Palavra. Tenho derramado a alma, com as recordações de Jesus iluminadas por uma sabedoria que dilata no amor e no pensamento tudo o que aprendi por aqueles caminhos de pó e de esperança.

Mas esta noite, depois de meditar durante todo o dia na gruta virada para Samos e de contemplar mais uma vez como o mar engole esse sol de ouro às rodela, entre nuvens sanguinolentas, perguntei-te:

– Senhor, já escrevi tudo o que me ditaste, essa palavra de fogo que és Tu próprio desde que te conheci, a luz, a vida, a água que bebi dos teus lábios. Aproxima-se o fim dos meus dias. As raras famílias que habitam esta ilha diminuta aconselham-me a que não me aproxime do mar sozinho, por medo de que, na minha idade, me despenhe por algum alcantilado. Mas eu não me posso afastar dele, pois mantém-me submerso em ti e ajuda-me a fechar os olhos. Já escrevi esboços do meu testemunho, verti do meu cântaro recordações e visões, a tua boa notícia e quanto nos meus sonhos e arrebatamentos místicos vi em cada noite. Quase sem me dar conta foram passando semanas e meses inteiros sem dormir com a febre de derramar o que transbordava da minha alma. Diz-me agora, Senhor, diz-me: que queres de mim?

O silêncio de Deus repreendia duramente o bramido do mar sob os meus pés. Empreendi o caminho de regresso como em cada entardecer entre as primeiras sombras, com o cuidado de não escorregar, e fixando o meu cajado em pedações firmes de rocha, evitei as poças deixadas pela maré

nas cavidades. Pus a rede ao ombro com apenas três peixes, fruto da minha pesca e, deixando para trás a baía em forma de abraço, subi à colina da minha casa que se vislumbrava por entre pedaços de lua. Esfreguei as mãos, acendi a lareira, assei um peixe naquele humilde lume, bebi um gole de vinho e estendi-me na cama de pêlo de camelo.

O vento rugia por entre os caixilhos desconjuntados da minha janela. Não me conseguia perder nos braços do sono. De tanto escrever, às vezes não consigo distinguir bem o dia da noite e desvelo-me longas horas na escuta do meu velho coração, que por vezes dispara como os corcéis romanos de Séforis, que me entusiasmavam desde criança, quando os meus pais me levavam ao mercado.

– Senhor, que queres de mim?

O teu silêncio é mais denso do que as tuas palavras. Quando nos prometeste o Paráclito, eu pensava que ia ser como um sol ofuscante que afastaria para sempre as sombras da vida. Mas ao homem só é dado assaltar o não-tempo por clarões instantâneos, relâmpagos de luz. Depois volta a noite com a sua escuridão, e a fé então não passa de uma candeia titilante para não se tropeçar. Os anos encurvam o meu corpo, e o medo bate por vezes à sua porta com a falta de sentido, como a ti próprio aconteceu naquela terrível noite de Getsémani. Como a mim, nos últimos tempos em Roma e em Éfeso, com as ameaças de Domiciano. Estive à beira do martírio, do qual tu me livraste. Agora doem-me os ossos neste casebre húmido, e a febre arde na minha fronte enquanto me fala o teu silêncio.

Como é o silêncio? Como um cálice vazio, uma gruta onde grita a noite, um barco sem velas. O silêncio é o buraco abismal onde fala a vida. Agacho-me nele quando andas ausente. Então não pareces Tu, o amigo, mas o Deus grave do Sinai, o das tábuas, das pragas, do deserto, da escravidão do Egípto, do interminável êxodo de Moisés.

– Ah, Deus meu, que queres de mim?

Já cumpri a minha missão. Estive contigo desde os alegres inícios na Galileia, até junto à tua cruz. Segui os teus passos por vales e montanhas. Curei em teu nome, preguei a tua Palavra, lutei contra as primeiras heresias. Encarceraram-me e açoitaram-me por te proclamar até dar com os meus ossos neste desterro, onde quiseste que eu escrevesse o que me ditasses. Será que já lá vem a minha morte? O descanso em ti? Que pretendes agora deste pobre velho enamorado?

De repente, um trovão abalou a cabana. As janelas toscas rangeram, tremendo, parecendo prestes a rebentar. Levantei-me. Abri a porta. A sucessão de relâmpagos iluminaram a noite como fantasmagóricas serpentes de luz. A ilha era uma aparição descontinuada de faúlhas de prata, e o mar parecia a folha bem polida da espada de Pedro no Horto. Nesse mesmo instante desatou a chover um dilúvio copioso de Verão, que assustava e abençoava a terra em simultâneo.

Ergui os meus olhos avermelhados ao céu e deixei que a água me escorresse pelas cãs da barba e da cabeça, até me ensopar como uma bênção. A chuva, não era ela o beijo de Deus para os camponeses famintos, empobrecidos pelos impostos romanos? Para os pescadores eram dias sem navegar e um antecedente das repentinas tempestades da Galileia. A chuva é a doce humidade que lava a terra como uma língua de vaca, que arrasta o pó tal como limpava os lodos daquele Jordão inesquecível, junto ao qual te conheci e te amei como a ninguém voltei a amar na vida. Que longe e que perto me parece agora tudo aquilo! E, no entanto, quantas vezes te ouvi caminhar a meu lado, não como os de Emaús, não, que não te conheceram, mas como a energia que andava com os meus pés, que ainda fala nas minhas palavras e que move o meu cálamo durante a noite!

Com a mesma rapidez com que começou, a chuva calou-se e deixou a lua recém-acesa iluminar os campos, que cheiravam a bendita terra generosa. Tinha a paisagem então a quietude de uma criança acabada de sair do banho. O mar,

ao longe, tinha amansado, qual lobo adormecido, e a ilha de Samos era, à distância, um monstro marinho a flutuar no horizonte.

Foi então que o silêncio se tornou povoado. Distinguiam-se cada pequeno ruído amplificado pela noite, a queda das gotas do parreiral da entrada ou o latido queixoso de um cão distante. Foi então que me sentei no pequeno poial junto à porta e fiquei extático, suspenso de mim próprio; como tantas vezes acontecia, suspenderam-se as minhas potências e comecei a flutuar no ar fresco da noite, quando, como um sussurro, despertou a palavra interior:

– Olá, Joannes. Como estás, meu amigo? Que te entristece? Não sabes que Eu estou sempre a teu lado? Não significa o teu nome «o Senhor é misericordioso»?

Senti o fogo vindo de dentro e a luz a inundar a minha alma.

– Falta-te escrever uma coisa. Contarás tudo o que te mostrei, durante a tua estadia em Éfeso; contarás a minha vida de uma maneira distinta dos outros, a partir do Logos abrasador. Transcreveste as minhas revelações, o teu livro profético. Esses textos iluminarão os meus irmãos através dos séculos. Junto com os escritos de Marcos, Lucas e Mateus, abrirão a alma de muitos para o meu reino, a partir da Palavra que te foi revelada. As tuas missivas ir-lhes-ão recordando a supremacia do amor, e a tua obra profética, o *Livro da Revelação*, os resplendores de um presente que é futuro em Deus. Mas tu és meu amigo, e eu não me contento com isso. Agora, Joannes, preciso que abras o teu coração e escrevas os teus últimos segredos, o diário da nossa amizade.

– Senhor, eu disse tudo o que sei e que Tu me revelaste. Em Éfeso li os três relatos que mencionas. Pensei que eles já tinham escrito a tua vida, a tua biografia. Julguei que tinha adicionado sabor e saber. Não renunciei ao detalhe, pus muito amor e revelação naquele escrito, ao saltar do episódio para a contemplação, do facto para o símbolo. Ninguém

como Tu sabe que sabor têm os vocábulos água, pastor, luz, caminho, pomba, palavra, pão e vinho. Ou seja, o teu evangelho escrito a partir de outro plano, a partir da luz do Espírito que nos enviaste. Que queres agora?

– Lembras-te daquela noite, quando reclinaste a cabeça sobre o meu peito, Joannes? O que sentiste, o que viste então?

O meu coração começou a bater descompassadamente ao evocá-lo.

– Oh, Senhor, como não o hei-de recordar? É o momento mais sublime de toda a minha vida, gravado e conservado como o maior tesouro na arca da minha alma. Está fora do tempo.

– Pois bem, amigo, escreve-o.

Um trovão prolongado irrompeu na ilha, e o céu abriu-se, partido por um raio.

Quando voltei a mim estava a chorar.

A baía de Patmos estendia-se, aberta e serena, a meus pés, e abraçava um mar sulcado de reflexos de lua, enquanto uma paz sem nome embalava a paisagem da minha alma.

Jesus, o meu amigo, mais uma vez estivera comigo, o seu predilecto.